



DOI: 10.33947/1980-6469-V17N1-4858

JOVENS IMIGRANTES E O ESTIGMA SOCIAL

YOUNG IMMIGRANTS AND SOCIAL STIGMA

Caroline Terrazas¹, Bruno Rafael de Matos Pires², Maria Sylvia de Souza Vitale³

RESUMO

O objetivo deste estudo é identificar a produção científica sobre jovens imigrantes e o estigma social relacionado ao fenômeno da imigração, como uma questão social complexa que envolve aspectos relacionados aos direitos humanos, saúde, educação e cultura dessa população. Realizou-se uma revisão integrativa da literatura publicada entre janeiro de 2010 e abril de 2021, nas bases de dados SCIELO, BVS, PubMed e Periódicos CAPES, nos idiomas português, espanhol e inglês. Foram identificados 12 artigos que preencheram os critérios de inclusão, todos internacionais, publicados em inglês. Após leitura e análise, os artigos foram sistematizados em três categorias empíricas, que são complementares e convergem para duas visões principais de jovens imigrantes: saúde enquanto direito humano e estigma social. Percebe-se que jovens imigrantes são um grupo particularmente vulnerável a uma diversidade de fatores, e o estigma social é fator relevante na vida desses sujeitos. Para garantir a defesa da igualdade e cidadania desses jovens nos países de acolhimento e, também, compreender como o fenômeno migratório impacta globalmente as sociedades de recepção e de origem, a diversidade da mobilidade humana precisa ser compreendida com estudos interdisciplinares que possam ajudar nas condições e necessidades dos jovens imigrantes.

PALAVRAS-CHAVE: Imigrantes. Juventude. Estigma social.

ABSTRACT

The objective of this study is to identify the scientific production about young immigrants and the social stigma related to the phenomenon of immigration, as a complex social issue that involves aspects related to human rights, health, education and culture of this population. An integrative review of the literature published in the SCIELO, BVS, PubMed and CAPES Journals databases, from January 2010 to April 2021 was carried out in Portuguese, Spanish and English. Twelve articles that met the inclusion criteria were identified, all international, published in English. After reading and analyzing, the articles were systematized into three empirical categories, which are complementary and converge to two main views of young immigrants: health as a human right and social stigma. It is noticed that young immigrants are a particularly vulnerable group to a variety of factors, and the social stigma is a relevant factor in the lives of these individuals. To ensure the defense of equality and citizenship of these young people in host countries and also to understand how the migratory phenomenon globally impacts host and home societies, the diversity of human mobility needs to be understood through interdisciplinary studies that can help with the conditions and needs of young immigrants.

KEYWORDS: Immigrants. Youth. Social stigma

¹ Enfermeira. Doutoranda do Programa de Pós-graduação ESIA-UNIFESP. Guarulhos, SP, Brasil. UNIFESP. E-mail: carotera@gmail.com

² Mestre pelo programa de pós-graduação em Ciências Sociais (EFLCH-UNIFESP Guarulhos, SP, Brasil. EFLCH-UNIFESP. E-mail: bruno_mambaia@yahoo.com.br

³ Médica e Professora Permanente do ESIA-UNIFESP. Prof.ª Adjunto Doutor e Chefe do Setor de Medicina do Adolescente Escola Paulista de Medicina/UNIFESP, São Paulo, SP, Brasil. E-mail: sylviavitale@gmail.com



INTRODUÇÃO

As imigrações internacionais assumem grande importância nos dias atuais, tanto no que diz respeito aos impactos políticos, econômicos, sociais e culturais, quanto no concernente às reflexões teóricas em diversas disciplinas acadêmicas. Caracterizadas por serem fenômenos heterogêneos e de extensão em escala global, as migrações contemporâneas tiveram um aumento enorme em suas cifras: se totalizavam 77 milhões de pessoas no ano de 1975, atingiram o marco de 244 milhões em 2015 (BÓGUS; FABIANO, 2015; WEDEN, 2016; SCAVITTI, 2017; SANTOS; ROSSINI, 2018). E esses números não pararam de aumentar: dados do relatório publicado pela Organização Internacional para as Migrações (OIM BRASIL, 2019) apontam a existência de 272 milhões de migrantes internacionais em 2019, o equivalente a 3,5% da população mundial. Na comparação com os dados de 2010, quando o número de migrantes era de 220,78 milhões (3,2% da população global), houve um aumento de 23%. As razões que impulsionam esses deslocamentos pelo globo são diversas: conflitos com violência generalizada, crises tanto econômicas quanto política e facilidades de acesso a passaportes (WEDEN, 2016; OIM BRASIL, 2019). No Brasil, o Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra, 2019), que estuda os fluxos internacionais, aponta que houve um aumento de 18% no número de autorizações de residência concedidas em 2018, na comparação com 2017.

O processo migratório é considerado um fenômeno social abrangente e, por isso, se deve analisar os aspectos sociais envolvidos nesse processo, como os políticos, econômicos, culturais e, atualmente, problemas geopolíticos e fronteiriços (CASTLES, 2010). O imigrante passa por rupturas significativas de laços familiares, ambientais e culturais. Além disso, o sujeito vivencia uma transição social que implica alterações do campo jurídico, social, físico e psíquico. As mudanças de aspectos socioculturais em todas as áreas de vida apontam que imigrantes apresentam maior vulnerabilidade para riscos de saúde, econômicos e de inserção no mercado de trabalho. Condições sociais como falta de documentação, exploração do trabalho, precariedade nas condições de habitação e inadaptação linguística fragilizam o migrante e podem gerar problemas físicos, psicológicos e sociais. (ACHOTEGUI, 2008; FRANKEN, COUTINHO, RAMOS, 2009).

A crescente migração pode, também, resultar em processo de estigmatização de um grande número de imigrantes, oriundos das mais diversas origens, pela população do país de destino. O imigrante é “o outro”, um estrangeiro e, muitas vezes, é considerado “incapaz de se integrar às normas e linguagens preferidas pelas populações dominantes” (SCOTT, 2010, p.123), gerando, assim, o estigma ao indivíduo imigrante. Este estigma gerado pode se perpetuar em todas as relações sociais cotidianas, tornando-se uma importante questão de natureza interdisciplinar a ser compreendida. Para Goffman (2008), o estigma consiste em uma “situação do indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena”. De acordo com o autor, trata-se de uma construção social no qual um indivíduo ou grupos de pessoas são inseridos em determinadas categorias a partir de atributos e características que possuam. Assim, uma pessoa ou um grupo que possuam caracteres e traços diacríticos, que divergem do padrão estabelecido pela sociedade, correm o risco de serem estigmatizadas. O estigma, portanto, é uma marca profundamente depreciativa que inferioriza um grupo ou indivíduo, ao mesmo tempo em que confirma a superioridade de outros com os quais estão relacionados. Como consequência, muitos imigrantes são vistos com maus olhos por se constituírem símbolos do estigma, corroborando para a proliferação de preconceitos e casos de xenofobia. Além disso, a situação de vulnerabilidade social se torna um empecilho para a conquista e a fruição de direitos por aqueles que investiram no projeto migratório.

Relatório da UNICEF (2016b) constatou que crianças e adolescentes que imigraram junto com seus pais ou parentes têm acesso limitado a serviços de educação, fator considerado essencial para o desenvolvimento de qualquer pessoa. Para piorar, quando fixam residência e podem ir à escola, são frequentemente vítimas de bullying e tratamento injusto, que, inclusive, podem se tornar agressões físicas. Esta situação tende a se agravar se considerarmos o aumento, nos últimos anos, do número de menores imigrantes desacompanhados dos pais ou adultos responsáveis pelo seu cuidado. Em 2015, 95.000 menores desacompanhados solicitaram asilo na União Europeia, o que implica em dificuldades para inserção social destes nos países de acolhida (UNICEF, 2016a). A situação de vulnerabilidade da infância e adolescência nessas situações tem sido destacada e manifestada pelos atores que



atuam com eles. O relatório da organização Save the Children (2015) observa que uma em cada quatro crianças e adolescentes na Síria tem risco de desenvolver alguma doença mental.

Além desses fatores, outros desafios de ordem normativa têm impactado o cotidiano de imigrantes nos países receptores. Dentre eles, o acesso à saúde que, como destacou Ventura (2018), é um direito humano de suma importância para que a inserção e a integração do imigrante à sociedade de acolhida ocorram de modo mais efetivo. No entanto, esse acesso tem sido negligenciado na contemporaneidade, seja através de medidas tomadas pelos estados, que reduzem a cobertura populacional excluindo os imigrantes irregulares – e, como consequência, atingindo a universalidade desse direito – seja quando “o acesso dos imigrantes à saúde é dificultado por outros fatores (culturais, gênero, raça/etnia, classe social), que apontam que as ações necessárias à integração do imigrante devem considerar aspectos mais amplos” (VENTURA, 2018, p. 1).

Portanto, a integração e inserção do imigrante nos países de recepção é também uma questão de saúde e, como tal, de usufruto de um direito humano fundamental. É nesse sentido, que urge para o atual momento – marcado pelas características até aqui apontadas – reflexões a respeito da intersecção entre juventude, imigração e saúde, ao qual este artigo pretende lançar luz.

ADOLESCÊNCIA E JUVENTUDE

Além dos problemas de ordem social e econômica vivenciados pelos imigrantes, devemos ressaltar questões culturais ou de choques culturais que envolvem os empreendimentos migratórios. É muito comum que o imigrante, muitas vezes, se depare com culturas distintas: a do país de recepção e a do país de origem da imigração. No caso específico dos jovens, ocorre a demanda de ajustar as necessidades típicas desse ciclo vital com as novas funções de estar inserido em uma nova realidade. (HERNANDEZ; DENTON; MACARTNEY, 2008). Assim, para os jovens, as pressões sociais podem ser intensificadas devido às demandas psíquicas características dessa fase de desenvolvimento – quando esses sujeitos podem estar mais vulneráveis à exposição a fatores de risco, como o estigma social – e, também, à nova adaptação cultural – cujo processo de integração pode resultar em consequências graves e negativas, de longa duração – dando origem a mudanças conflitantes na identidade social do indivíduo.

Para Díaz Rodríguez (2017) a adolescência é o período de crescimento mais rápido de desenvolvimento do ciclo de vida humano. É por isso que jovens deslocados têm necessidades especiais, que precisam ser abordadas especificamente. Ações para adolescentes e jovens imigrantes são raras e sua invisibilidade em programas de assistência é preocupante.

Ao abordar a questão da juventude, devemos ter em mente algumas considerações no que diz respeito à definição do termo, uma vez que não existe o consenso a respeito do mesmo. Se por um lado, trata-se de uma construção cultural que varia socialmente e temporalmente (FEIXA, 1998), por outro, os significados atribuídos a essa etapa também variam de uma classe social a outra (BOURDIEU, 1983). Conforme o autor, existem aqueles que, por sua condição de privilégio econômico e social, não só usufruem desta etapa da vida como procuram prolongá-la; e outros que, por não terem os chamados benefícios sociais, acabam por serem inseridos mais cedo no mundo do trabalho, assumindo responsabilidades e, com isso, não vivenciando a adolescência. Além disso, a ideia de juventude é também objeto de disputa entre adultos e jovens no interior das estruturas sociais (TAGUENCA BELMONTE, 2009). Essa disputa ocorre por conta de percepções diferentes a respeito da mesma noção. Na percepção dos adultos: “Os jovens são, desde essa perspectiva [...] potência do que serão no futuro. Dessa forma se nega seu presente de jovem, substituindo o mesmo por seu futuro de adulto” (TAGUENCA BELMONTE, 2009, p. 162, tradução nossa). Ao passo que, na perspectiva dos jovens, por serem eles que constroem a noção de juventude, ocorre uma transformação radical que é, segundo o autor, uma inversão do componente afirmado e negado. Com efeito, aqui o importante não é o que o jovem chegará a ser: um adulto, senão o que ele já é: um jovem. Isso muda tudo, posto que se nega o futuro que ainda não se é, e o que se afirma é o presente que se é (TAGUENCA BELMONTE, 2009, p. 162, tradução nossa).

Não é objetivo desse artigo exaurir a discussão a respeito dos diferentes significados do conceito de juventude.



Tal empreendimento, embora importante, foge do escopo desse estudo. No entanto, não poderíamos deixar de ressaltar a ausência de consenso a respeito do significado do termo. Ou seja: quando começa e termina a juventude? Qual faixa etária compreende os anos chamados de juventude? Trata-se de objeções que, se respondidas, não deixam de estar acompanhadas de juízo de valor, ao qual procuraremos nos desviar.

Uma vez apresentada essa problemática, definimos quais são os sujeitos dessa pesquisa: os adolescentes imigrantes, pois, além de lidarem com todos os fatores de risco descritos anteriormente, também enfrentam os desafios normativos deste período de desenvolvimento – incluindo a formação da identidade em um novo país, a pressão dos colegas, a inserção no ambiente escolar, no mercado de trabalho, e a relevância nas relações com familiares e parentes na adaptação às mudanças da puberdade (STEINBERG et al, 2006). As questões da adolescência costumam ser potencializadas em jovens imigrantes, uma vez que a imigração pode desencadear dificuldades relacionadas à adaptação cultural, de saúde e integração psicossocial, gerando alienação, estigma, problemas de saúde e adoecimento mental. Neste sentido, durante a adolescência, são vários contextos que poderão contribuir de forma propícia ou prejudicial para o crescimento e desenvolvimento do jovem, sendo que os desajustamentos, ao nível destes contextos, poderão resultar numa condição emocional instável e/ou psicologicamente perturbada (TERRAZAS; VITALLE, 2020)

Nas últimas décadas, os movimentos migratórios e seus impactos na vida desses jovens têm merecido particular atenção da comunidade científica. Dessa forma, existe a necessidade de pesquisas relacionadas aos vários aspectos que compõem a saúde do adolescente imigrante. No Brasil, poucos são os estudos sobre jovem imigrante e estigma social, por isso, o objetivo desse estudo é identificar o que se discute, atualmente, a respeito desse assunto.

PERCURSO METODOLÓGICO

O presente artigo é de uma abordagem qualitativa. Revisou-se a literatura para identificar a produção científica relacionada a jovens imigrantes e estigma social. Optou-se pela realização de uma revisão integrativa, que compreende cinco etapas: 1) estabelecimento do problema, ou seja, definição do tema da revisão em forma de questão ou hipótese primária; 2) seleção da amostra (após definição dos critérios de inclusão); 3) caracterização dos estudos (definem-se as características ou informações a serem coletadas dos estudos, por meio de critérios claros, norteados por instrumento); 4) análise dos resultados (identificando similaridades e conflitos); e 5) apresentação e discussão dos achados. (GANONG, 1987; WHITTEMORE, KNAFL, 2005).

O objeto de estudo foi a produção de conhecimento sobre jovens imigrantes e estigma social em periódicos, conforme as bases de dados *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO), Biblioteca Virtual da Saúde (BVS), *U. S. National Library of Medicine* (PubMed) e Periódicos CAPES. Foram usados os descritores “immigrant” AND “social stigma” e “imigrante” AND “estigma social”. A coleta de dados se deu ao longo do mês de abril de 2021.

Adotaram-se como critérios de inclusão: artigos e resumos disponíveis, publicados em português, inglês ou espanhol, em periódicos nacionais e internacionais, e indexados nas bases de dados entre janeiro de 2010 e abril de 2021. Tomou-se o cuidado de excluir os artigos que se repetiam entre as bases. Em razão das características de cada base, a coleta de dados foi realizada em duas etapas: a primeira consistiu em levantamento do quantitativo de artigos por título, que evidenciou 22 artigos na BVS, 28 na PubMed e 51 nos Periódicos da CAPES, totalizando 105 artigos; em seguida, foram aplicados os critérios de seleção, através de leitura dos resumos ou abstract. Ao final dessa etapa, foram selecionados 5 artigos na BVS, 7 na PubMed e 1 no Periódicos CAPES.

Na fase seguinte, foi realizada a leitura dos artigos na íntegra, e um deles foi excluído por não ter relação direta com a temática em análise.

RESULTADOS

Trata-se de um corpus, composto por 12 artigos, de análise totalmente internacional, publicado em inglês e, majoritariamente, indexado no PubMed (58,3%). A maioria dos estudos e publicações é proveniente de países eu-



ropeus (58,3% do total), seguidos dos Estados Unidos (41,6%). (Tabela 1)

Quanto ao ano de publicação, houve predominância dos anos de 2016, com 3 artigos (representando 25% do total); 2017, com 2 artigos (16,6%); e 2018, também com 2 artigos (16,6%). (Quadro 1)

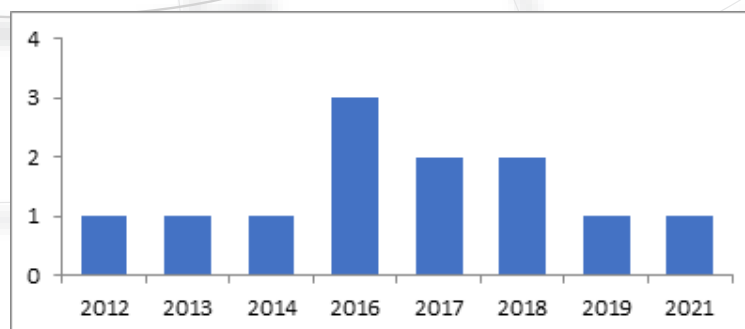
Segundo o processo metodológico, 9 artigos (75% do total) foram classificados como estudos qualitativos – com entrevista semiestruturada, grupos focais, revisão narrativa e análise crítica; e 3 artigos (25%), como estudos quantitativos.

A amostra final passou por releitura e extração das seguintes informações: título, autores, ano, objetivos, método e periódico. (Quadro 2)

Tabela 1. Distribuição dos artigos, segundo país de origem.

PAÍS	Nº	%
Croácia	1	8,33
Espanha	1	8,33
Estados Unidos	5	41,67
Inglaterra	3	25,00
Países Baixos	1	8,33
Suíça	1	8,33
Total	12	100,00

Quadro 1. Gráfico com a distribuição dos artigos, conforme ano de publicação.





Quadro 2. Distribuição dos estudos, conforme título, autor/ano, objetivos, método e periódicos

Nº	TÍTULO	AUTORIA/ANO	OBJETIVOS	MÉTODO	PERIÓDICO
1	Menores Refugiados: impacto psicológico e saúde mental	DÍAZ RODRÍGUEZ, M., 2017	Conhecer o impacto na saúde mental que o processo de migração forçada de crianças e adolescentes.	Revisão Bibliográfica Narrativa	Apuntes de Psicologia
2	"Se eu fosse até minha mãe com essa informação, morreria": barreiras ao conhecimento sobre conhecimento adequado da saúde sexual entre os adultos jovens é uma etapa crítica na prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e na manutenção da saúde sexual do adulto	KINGORI, C et al., 2018	Identificar as barreiras do conhecimento sobre saúde sexual entre jovens adultos somalis em Ohio.	Pesquisa Qualitativa	Ethnicity & Health
3	Recrutando e avaliando jovens latinos imigrantes recentes na pesquisa de disparidades de saúde	SHEEHAN, D.M, et al., 2016	Identificar as experiências e desafios no recrutamento e avaliação de imigrantes latinos recentes (idades entre 18 e 23 anos) em pesquisas de disparidades em saúde.	Estudo Qualitativo	Journal of multicultural counseling and development
4	Mecanismos pelos quais o estigma anti-imigrante exacerba disparidades de saúde raciais / étnicas	MOREY B. N., 2018	Entender como um ambiente sociopolítico anti-imigrante piora as disparidades de saúde racial/étnica, estigmatizando as pessoas com base em seu país de nascimento e a cor de sua pele.	Análise Crítica	American journal of public health
5	Comportamento suicida em adolescentes indianos	SAMUEL; SHER, 2013	Identificar o comportamento de suicídio de adolescentes indianos.	Pesquisa Qualitativa	International journal of adolescent medicine and health
6	Estigma interseccionário e práticas de teste de HIV entre adolescentes refugiados urbanos e jovens em Kampala, Uganda: achados qualitativos	LOGIE, C.H. et al., 2021	Compreender as experiências sobre testes de HIV entre jovens refugiados urbanos em Kampala.	Estudo Qualitativo	Journal of the International AIDS Society



Nº	TÍTULO	AUTORIA/ANO	OBJETIVOS	MÉTODO	PERIÓDICO
7	"Já não é humano, morto": Percepções e experiências de estigma relacionado a drogas entre jovens que usam opioides da antiga União Soviética que vivem nos EUA	GUNN; GUARINO, 2016	Conhecer as histórias de uso de drogas dos jovens, experiências de imigração/aculturação, relações familiares e colegas e utilização de serviços.	Estudo Qualitativo	The International journal on drug policy
8	Prevenção de disparidades de saúde mental nos filipinos: perspectivas de adolescentes, cuidadores, profissionais de saúde e defensores	JAVIER, J.R. et al., 2014	Identificar estratégias de intervenção para a implementação de programas de prevenção à saúde mental entre jovens filipinos.	Estudo Qualitativo	Asian American journal of psychology
9	Padrões de busca de cuidados de saúde para mutilação / corte genital feminino entre jovens somalis na Noruega	MBANYA, V.N. et al., 2018	Explorar os padrões de busca de cuidados de saúde para problemas de saúde relacionados à mutilação/corte genital feminino (FGM/C) entre os jovens somalis na Noruega.	Estudo Transversal	BMC public health
10	Comportamento de agressão e uso de substâncias entre crianças imigrantes: efeito mediador de atitudes anti-sociais	SMALL; KIM; MENGO, 2017	Examinar o efeito mediador de atitudes anti-sociais usando fatores socioculturais, de desenvolvimento e ambientais para entender os comportamentos problemáticos da juventude hispânica.	Estudo Qualitativo	Journal of ethnicity in substance abuse
11	Gravidez na adolescência na Bélgica: fatores de proteção em uma população migrante	COENEN, L. et al., 2019	Avaliar a evolução de mães e filhos de gestações na adolescência, vários anos após o parto e identificar fatores que podem proteger ou aumentar a vulnerabilidade da paciente.	Estudo Quantitativo Retrospectivo	Psychiatry Danubina
12	O triângulo Família-Escola-Atenção Primária e o acesso à saúde mental entre migrantes e minorias étnicas	GONÇALVES, MOLEIRO, 2012	Compreender os conceitos de saúde mental e ajudar na busca de comportamentos de famílias migrantes e de minorias étnicas constitui um passo importante para melhorar a competência intercultural dos profissionais de saúde e educação.	Estudo Qualitativo	Journal of immigrant and minority health

A leitura do corpus de análise permitiu a sistematização dos artigos em três categorias empíricas: jovem imigrante e estigma social; jovem imigrante, saúde e estigma social; e jovem imigrante, saúde mental e estigma social.



JOVEM IMIGRANTE E ESTIGMA SOCIAL

Jovens imigrantes que passaram por um processo de imigração têm necessidades especiais, como a integração em um novo país, a inserção social na escola, no trabalho e a apropriação de uma nova cultura e língua. O rompimento de importantes redes sociais, como familiares e amigos, impacta nestes processos e na fruição de direitos conquistados. Some-se a esses fatores a discriminação social e o estigma pelo qual são marcados, tornando-os mais vulneráveis.

Com base nos artigos encontrados, existe uma relação entre jovem imigrante e estigma social. O estigma é visto como a presença de uma rotulagem, um estereótipo, a discriminação que ocorre quando os jovens nativos, provenientes de poder, se sentem autorizados a estigmatizar os diferentes do grupo. Por essa definição, os imigrantes experenciam o estigma, pois estão constantemente sendo rotulados de “estrangeiros”, “forasteiros” e sendo estereotipados como criminosos ou indocumentados. (LINK, PHELAN, 2001)

Para Morey (2018) há dois tipos significativos de estigmas que afetam, em vários aspectos, a vida de jovens imigrantes: o estigma interpessoal, que se dá pelas relações de discriminação; e o estigma estrutural, que ocorre quando não há políticas que favoreçam a inserção de imigrantes e, também, nos países que têm políticas anti-imigratórias. Ainda segundo a autora, o estigma é multifacetado, incluindo o estigma sentido ou percebido – vivenciado pelo indivíduo por atos de discriminação e maus tratos – e o estigma antecipado – preocupação e medo de preconceitos que o indivíduo pode sofrer devido à internalização de um autoestigma ou de uma autoaceitação negativa por ser imigrante. É possível afirmar que o jovem imigrante pode sofrer um ou ambos os tipos de estigma, o que pode afetar vários aspectos de sua vida e resultar em prejuízos para seu desenvolvimento como sujeito. Jovens imigrantes originários da ex-União Soviética, usuários de opioides e residentes nos Estados Unidos, sentem o estigma antecipado para acessar serviços públicos e, também, o estigma percebido, por conta de estereótipos que seguem os russos imigrantes. Imigrantes jovens russos revelaram que a estigmatização atinge várias esferas de suas vidas e desempenha um papel importante na maneira como se percebem. Dessa maneira, esses jovens adquirem uma identidade prejudicada e desacreditada em um país que os estigmatiza. (GUNN, GUARINO, 2016).

Nas relações sociais, a estigmatização é um processo presente. Um estudo realizado em 2016 constatou que crianças mexicanas, do jardim da infância até a fase da adolescência, convivem com o estigma sociopolítico contra eles nos Estados Unidos. Essas expressam a sensação de medo de uma possível separação familiar e referem sentirem-se envergonhadas por serem imigrantes ou filhos de imigrantes. Essa realidade resulta em adolescentes e jovens que vivem e convivem com o sentimento constante de racismo e baixa autoestima. (AYÓN, 2016). Somado à falta de políticas migratórias, o estigma ao jovem imigrante resulta em dificuldade e barreiras para o acesso ao ensino superior, em universidades públicas, uma vez que não tem acesso aos benefícios federais de educação e, também, não podem pagar para frequentar faculdades privadas. (MOREY, 2018).

O estigma anti-imigrante pode trazer consequências para jovens imigrantes, como o aumento da discriminação étnico-racial, o medo da deportação e da detenção. Todos esses estressores de ser imigrante são fatores que limitam o acesso desses indivíduos à sociedade (MOREY, 2018).

JOVEM IMIGRANTE, SAÚDE E ESTIGMA SOCIAL

Estudos identificaram que os imigrantes são grupos particularmente vulneráveis a uma diversidade de fatores que determinam as suas condições de saúde. O estigma, cuja presença na vida do jovem imigrante limita o acesso e os recursos de saúde, se constitui em uma barreira global à busca de saúde, ao engajamento no cuidado e à adesão ao tratamento em uma série de condições de saúde em todo o mundo (SCOTT et al, 2015).

Associado ao medo de julgamento relacionado a seus aspectos culturais, a religião e ao estigma, foram identificadas barreiras de acesso ao conhecimento sobre saúde sexual a jovens imigrantes somalis que vivem em Ohio. (KINGORI et al, 2018). Jovens de minorias étnico-raciais – como árabes, asiáticos, negros, latinos, muçulmanos – além de estigmatizados, são marginalizados nos seus novos países. O estresse causado pela imigração, somado à



estigmatização, causa maior desgaste em seus corpos e, como consequência, jovens imigrantes são mais suscetíveis a desenvolverem doenças crônicas e à morte prematura. (MOREY, 2018).

Experiências estigmatizantes acometem jovens refugiados que residem em Uganda, país que abriga 1,3 milhão de refugiados, dos quais 60% são menores de 18 anos. Um estudo qualitativo com esse grupo mostrou que há lacunas de conhecimento nessa população com relação ao teste de HIV, assim como o estigma e a desinformação sobre o vírus. O HIV é visto como uma “doença dos imigrantes”, que resulta em culpa, vergonha e em maus tratamentos nos cuidados à saúde por parte dos profissionais a esses jovens. (LOGIE et al., 2021).

A mutilação ou corte genital feminino tem, como consequência, diversas implicações na saúde da mulher. Porém, um estudo de 2018, realizado com 325 jovens somalis que residem na Noruega mostra que, das 159 (51,6%) jovens foram submetidas à mutilação ou corte genital, apenas 20% utilizaram serviços de saúde para problemas relacionados a essa prática. O estudo não responde por que apenas algumas jovens procuraram atendimento. Acredita-se, porém, que parte dessa não procura pode estar relacionada ao estigma de ser imigrante e aos desafios que essa população tem no acesso aos serviços de saúde. (MBANYA et al., 2018). Estudo realizado por Coenen et al., (2019) sobre gravidez na adolescência – cuja taxa é de 4% em países europeus – com população imigrante na Bélgica, mostra que a maioria das mães adolescentes imigrantes tiveram resultados favoráveis referentes aos cuidados obstétricos, maternos e pediátricos, o que sugere que mães adolescentes migrantes de baixo estigma social, podem ter vantagem para se estabelecerem em um país desenvolvido.

JOVEM IMIGRANTE, SAÚDE MENTAL E ESTIGMA SOCIAL

O estigma é um fator de sofrimento emocional: estudantes imigrantes sofrem muito mais bullying e assédio de alunos nativos.

Jovens mexicanos residentes nos Estados Unidos estão cientes do estigma sócio-político contra eles e, por isso, sentem vergonha de serem imigrantes e apresentam baixa autoestima, somada ao processo de aculturação. Por consequência, não é incomum que jovens estudantes imigrantes tenham problemas de comportamento agressivo, atitudes antissociais e comportamentos problemáticos. (AYÓN, 2016).

O uso de drogas por jovens usuários de opioides e imigrantes da extinta União Soviética acaba por desempenhar um papel importante na maneira de gerenciar e lidar com as adversidades da vida, como a pressão de aculturação, o estresse da experiência de imigração, o ajuste a um novo ambiente em uma cultura e a estigmatização nas diversas esferas do cotidiano. (GUNN, GUARINO, 2016).

Jovens filipinos imigrantes nos EUA frequentemente sofrem, de maneira significativa, com sintomas depressivos, ideação suicida e uso de substâncias psicoativas. No entanto, a utilização de serviços de saúde por este grupo é influenciada por fatores relacionados a valores culturais e estigma, havendo baixa adesão aos cuidados em saúde mental (JAVIER et al., 2014).

Uma das principais causas de morte entre adolescentes e jovens indianos imigrantes é o suicídio, devido aos estigmas de ter uma doença mental e de ser imigrante. Entre os fatores que contribuem para essa decisão do adolescente estão o transtorno do humor primário e ou o uso de substâncias psicoativas. O método mais utilizado para o suicídio entre os jovens indianos imigrantes é o enforcamento. (SAMUEL, SHER, 2013).

Para os jovens imigrantes de origem hispânica – maior minoria étnica e maior população estrangeira nos Estados Unidos – a inserção nos EUA apresenta desafios, com baixas e limitadas oportunidades de apoio. A presença constante do estresse, somado a alienação e ao estigma geralmente se manifestam em problemas de comportamento, atitudes antissociais e no uso de substâncias psicoativas. (SMALL; KIM; MENGU, 2017).

O estigma de ser imigrante nos Estados Unidos e em Portugal, associado a questões de saúde mental, é uma das maiores barreiras de acesso para que jovens imigrantes procurem ajuda nos serviços de saúde. Por isso, para otimizar a competência intercultural dos profissionais da saúde, facilitar nos processos de busca de ajuda, ajudar na promoção da diminuição do estigma e facilitar o acesso aos cuidados de saúde mental, é importante compreender os conceitos de saúde mental e ajudar na busca por comportamentos das famílias de jovens imigrantes e de mino-



rias étnicas (GONÇALVES; MOLEIRO, 2012).

O estresse constante, a alienação e o estigma fazem com que jovens imigrantes possam se envolver em situações e comportamentos de risco com mais frequência, como o uso de substâncias psicoativas (SHEEHAN et al., 2016).

DISCUSSÃO

Ao analisar os estudos, é possível identificar que jovens imigrantes são um grupo particularmente vulnerável a uma diversidade de fatores. No plano internacional, diversas questões têm sido observadas com relação às especificidades da condição desses adolescentes, e o estigma social é um fator presente e relevante da vida desses sujeitos.

Há uma insuficiência de recursos e propostas políticas e sociais, em muitos países de acolhimento, que garantam os direitos da criança e adolescente. Por isso, é preciso articular programas humanitários que visem garantir a proteção e a saúde na infância e adolescência nos processos de imigração. (DÍAZ RODRÍGUEZ, 2017).

Programas de assistência à saúde raramente incluem ações específicas para adolescentes imigrantes. Em um ambiente cada vez mais estigmatizante e até anti-imigrante, são preocupantes a invisibilidade desse grupo e a falta de acesso aos cuidados com sua saúde. O resultado dessa situação pode ser o agravamento nas disparidades e nos problemas de saúde, uma vez que jovens imigrantes estão propensos a terem baixa renda e falta de acesso à qualificação profissional. Todavia, as barreiras no recrutamento e participação de adolescentes e jovens latinos imigrantes em pesquisa é muito presente. Alguns pesquisadores enfrentaram esse desafio em seus estudos sobre atividade sexual, HIV/AIDS, estigma e uso de substâncias. (SANCHEZ et al., 2015; TUCKER et al., 2007).

Observa-se, ao longo do tempo, que os imigrantes são particularmente vulneráveis a uma diversidade de fatores que determinam as suas condições de saúde. No plano internacional, diversas questões têm sido levantadas com relação às especificidades da condição dos imigrantes e às desvantagens cumulativas sofridas por essa população no acesso à saúde. Há uma importância crescente do tema saúde na agenda da União Europeia, seja na defesa da igualdade de acesso aos serviços prestados, seja na melhoria da sua qualidade. A relação entre saúde e imigração ganha importância nas preocupações dos responsáveis políticos e dos investigadores, que estudam a inserção e a saúde dos imigrantes nos países de acolhimento (RAMOS, 2012).

Diante disso, há que se pensar em esforços colaborativos nos equipamentos sociais onde circulam jovens imigrantes, como ambientes religiosos, culturais e educacionais, para adaptar e criar abordagens que atendam às expectativas e necessidades desse grupo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como mencionado anteriormente, o tema se tornou objeto de reflexão em diversas disciplinas acadêmicas. A importância de entender esses processos e o modo como ele está mudando globalmente impacta não só as sociedades de recepção, mas também as de origem, contribuindo para análises baseadas em evidências sobre essa questão contemporânea. A mobilidade humana e sua diversidade é um fenômeno complexo que precisa ser “desmistificado” com estudos interdisciplinares que possam ajudar a compreender quais são os recursos, necessidades e desafios dos migrantes. A proteção aos jovens imigrantes fomenta a discussão sobre direitos humanos, no que diz respeito às formas de acolhimento, regularização, recepção e acesso aos diferentes espaços e equipamentos públicos.

Jovens imigrantes enfrentam desafios distintos. Por isso, é necessário o desenvolvimento, culturalmente adaptado às muitas sociedades que recebem imigrantes, de intervenções de redução do estigma, uma vez que o estigma anti-imigrante tem repercussão e efeitos sobre toda a sociedade. Tais intervenções devem considerar a diversidade e a interação de múltiplas identidades estigmatizadas, incluindo status de imigração, cor de pele, expressão de gênero, orientação sexual, religião e o que mais possa incitar a discriminação e marginalização desses jovens.



Apesar do intenso movimento migratório e do quanto esse processo pode afetar a saúde da população, trabalhos que abordam temas relacionados à saúde do adolescente imigrante, em especial, são escassos, oferecendo poucas informações relevantes sobre esta questão. Esperamos que as informações levantadas nesse estudo possam contribuir para o aprimoramento e aprofundamento de estudos e ações que atendam às necessidades e especificidades desses jovens, bem como para a formulação de estratégias de cuidado aos adolescentes que estão no processo migratório. Os resultados obtidos até aqui apontam para a necessidade de mais estudos que envolvam saúde, adolescentes e imigração. Recomendamos, porém, novas pesquisas que envolvam adolescentes imigrantes e que, também, verifiquem aspectos relacionados não somente à saúde, mas à multifatorialidade dos processos migratórios atuais.

REFERÊNCIAS

- AYÓN, Cecília. Talking to latino children about race, inequality, and discrimination: raising families in an anti-immigrant political environment. **J Soc Social Work Res**, v. 7, n. 3, p. 449-477, 2016.
- BÓGUS, Lucia Maria M.; FABIANO, Maria Lucia Alves. O Brasil como destino das migrações internacionais recentes: novas relações, possibilidades e desafios. **Rev. Ponto e Vírgula**. PUC SP, n. 18, p. 126-145, Segundo sem. 2015.
- BOURDIEU, Pierre. A “juventude” é apenas uma palavra. In: _____. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, p.112-121, 1983.
- CASTLES, Stephen. Entendendo a imigração global: uma perspectiva desde a transformação social. REMHU: “Políticas Migratórias”, Brasília: **Contextualização**, v. 18, n. 35, p. 11-43, 2010.
- COENEN, Lotta et al. Teenage pregnancy in Belgium: protective factors in a migrant population. **Psychiatr Danub**. v. 31, Suppl. 3, p. 400-405, Set. 2019.
- DÍAZ RODRÍGUEZ, Mercedes. Menores refugiados: impacto psicológico y salud mental. **Apuntes de Psicología**, v. 35, n. 2, p. 83-91, 2017.
- FEIXA, Carles. **De jóvenes, bandas y tribus: antropología de la juventud**. Barcelona: Ed. Ariel S.A., 1998. 287 p.
- FRANKEN, Ieda; COUTINHO, Maria da Penha de Lima; RAMOS, Natália. Migração e qualidade de vida: um estudo psicossocial com brasileiros migrantes. **Estud. Psicol**, (Campinas), v. 26, n. 4, p. 419-427. 2009. DOI 10.1590/S0103-166X2009000400002
- GANONG, Lawrence H. Integrative reviews of nursing research. **Res Nurs Health**, v. 10, n. 1, p. 1–11, 1987. DOI 10.1002/nur.4770100103
- GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GONÇALVES, Marta; MOLEIRO, Carla. The family-school-primary care triangle and the access to mental health care among migrant and ethnic minorities. **J Immigr Minor Health**, v. 14, n. 4, p. 682–690, 2012. DOI 10.1007/s10903-011-9527-9
- GUNN, Alana; GUARINO, Honoria. “Not human, dead already”: Perceptions and experiences of drug-related stigma



- among opioid-using young adults from the former Soviet Union living in the U.S. **Int J Drug Policy**, v. 38, p.6 3-72, Dez. 2016. DOI 10.1016/j.drugpo.2016.10.012
- HERNANDEZ, Donald J.; DENTON, Nancy A.; MACARTNEY, Suzanne E. Children in immigrant families: Looking to America's future. **Social policy report**, v. 22, n. 3, p. 3-23, Set. 2008. DOI 10.1002/j.2379-3988.2008.tb00056.x
- JAVIER Joyce R. et al. Preventing filipino mental health disparities: perspectives from adolescents, caregivers, providers, and advocates. **Asian Am J Psychol**, v. 5, n. 4, p. 316-324, 2014. DOI 10.1037/a0036479
- KINGORI, Caroline et al. 'If I went to my mom with that information, I'm dead': sexual health knowledge barriers among immigrant and refugee Somali young adults in Ohio. **Ethnicity & Health**, v. 23, n. 3, p.339-352, abr. 2018. DOI 10.1080/13557858.2016.1263285
- LINK Bruce G.; PHELAN, Jo C. Conceptualizing Stigma. **Annu Rev Sociol**, v. 27, p. 363-385, 2001. DOI 10.1146/annurev.soc.27.1.363
- LOGIE, Carmen H. et al. Intersecting stigma and HIV testing practices among urban refugee adolescents and youth in Kampala, Uganda: qualitative findings. **J Int AIDS Soc**, v. 24, n. 3, Mar. 2021. DOI 10.1002/jia2.25674
- MBANYA, Vivian N. et al. Health care-seeking patterns for female genital mutilation/cutting among young Somalis in Norway. **BMC Public Health**, v. 18, n. 517, apr. 2018. DOI 10.1186/s12889-018-5440-7
- MOREY, Brittany N. Mechanisms by which anti-immigrant stigma exacerbates racial/ethnic health disparities. **AJPH**, v. 108, n. 4, p. 460-463, 2018. DOI 10.2105/AJPH.2017.304266, 2018.
- OBMigra. **Autorizações concedidas a imigrantes**. Relatório Anual 2017 - 2018. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração. Brasília, DF: OBMigra, 2019. Disponível em: https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/dados/relatorio_trimestral/comparativo%20-cnig2017-2018.pdf.
- OIM BRASIL. **Migrantes internacionais somam 272 milhões, 3,5% da população global, aponta relatório da OIM**. Tradução e edição: ONU Brasil. 28 Nov. 2019. Disponível em: <https://brazil.iom.int/news/migrantes-internacionais-somam-272-milh%C3%B5es-35-da-popula%C3%A7%C3%A3o-global-aponta-relat%C3%B3rio-da-oim#>.
- RAMOS, Maria Natália Pereira. Comunicação em Saúde e Interculturalidade - Perspectivas Teóricas, Metodológicas e Práticas. **RECIIS - R. Eletr. de Com. Inf. Inov. Saúde**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 4, Dez 2012.
- SAMUEL, Diana; SHER, Leo. Suicidal behavior in Indian adolescents. **Int J Adolesc Med Health**, v. 25, n. 3, p. 207-212, set. 2013. DOI 10.1515/ijamh-2013-0054.
- SANCHEZ, Delida et al. Perceived discrimination and sexual precursor behaviors in Mexican American preadolescent girls: The role of psychological distress, sexual attitudes, and marianismo beliefs. **Cultural Diversity and Ethnic Minority Psychology**, v. 22, n. 3, p. 395-407, 2016. DOI 10.1037/cdp0000066
- SAVE THE CHILDREN. **Childhood in the shadow of war: voices of young syrians**. [S. l.: s. n], 2015. 46 p. ISBN 978-91-7321-364-6. Disponível em: https://www.savethechildren.es/sites/default/files/imce/docs/childhood_in_the_shadow_of_war-web.pdf. Resumen en español en: <https://www.savethechildren.es/publicaciones/siria-la-infancia->

-en-la-sombra-de-la-guerra.

SHEEHAN, Diana M. et al. Recruiting and assessing recent young adult latina immigrants in health disparities research. **Journal of multicultural counseling and development**, v. 44, n. 4, p. 245-262, Oct 2016. DOI 10.1002/jmcd.12052.

SANTOS, Aline Lima; ROSSINI, Rosa Ester. Reflexões geográficas sobre migrações, desenvolvimento e gênero no Brasil. In: BAENINGER, Rosana et al (Org.). **Migrações Sul - Sul**. 2. ed. Campinas: Nepo/Unicamp, 2018. v. 1, p. 277-295,

SCAVITTI, Julia Ferreira. **Superarse/superarme**: os paradoxos da liberdade no trabalho dos imigrantes na indústria de costura do capitalismo contemporâneo. 2017. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2017.

SCOTT, John. **Sociologia**: conceitos-chave. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. 316 p.

SCOTT, Nicola et al. Stigma as a barrier to diagnosis of lung cancer: patient and general practitioner perspectives. **Prim Health Care Res Dev**, v. 16, n. 06, p. 618-622, 2015. DOI 10.1017/S1463423615000043

SMALL, Eusebius; KIM, Youn Kyoung; MENGÓ, Cecilia. Aggression behavior and substance use among immigrant children: Mediating effect of antisocial attitudes. **J Ethn Subst Abuse**, v. 16, n. 1, p. 3-22, 2017. DOI 10.1080/15332640.2015.1077761.

STEINBERG, Laurence et al. The study of developmental psychopathology in adolescence: Integrating affective neuroscience with the study of context. In: CICCHETTI, D; COHEN, D.J. (ed.) **Developmental psychopathology: Developmental neuroscience**. 2. ed. [S. l.]: John Wiley & Sons Inc, 2006. v. 2, p.710-741.

TAGUENCA BELMONTE, Juan Antonio. El concepto de juventud. **Rev. Mex. Sociol**, v. 71, n. 1, p. 159-190, mar. 2009. México, D.F. Universidad Autónoma de México – Instituto de Investigaciones Sociales. Disponível em: http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0188-25032009000100005&lng=es&nrm=iso.

TERRAZAS, Caroline; VITALLE, Maria Sylvia de Souza. A saúde do adolescente imigrante: uma revisão sistemática. **Rev. Educação UNG-SER**, v. 15, n. 2, p. 101-107, 2020. DOI 10.33947/1980-6469-v15n2-3937

TUCKER, Carolyn M. et al. The roles of counseling psychologists in reducing health disparities. **The Counseling Psychologist**, v. 35, n. 5, p. 650-678, 2007. DOI 10.1177/0011000007301687

UNICEF. **No place for children**. The impact of five years of war on syria's children and their childhood. Nova Iorque: UNICEF, Mar. 2016a. Disponível em: <https://www.unicef.org/mena/media/10611/file/SYRIA5Y-REPORT-12-MARCH.pdf%20.pdf>.

UNICEF. Desarraigados. Una crisis creciente para los niños refugiados y migrantes. **Resumen y conclusiones fundamentales**. Nova Iorque: UNICEF, set. 2016b. Disponível em: <https://www.unicef.es/sites/default/files/comunicacion/desarraigados.pdf>.

VENTURA, Miriam. Imigração, saúde global e direitos humanos. **Cad. Saúde Pública**, v. 34, p. 1-3, 2018. DOI 10.1590/0102-311X00054118.



WEDEN, Catherine Wihtol de. As novas imigrações. **SUR 23**, v. 13, n. 23, p. 17-28. Disponível em: <https://sur.connectas.org/as-novas-migracoes/>.

WHITTEMORE, Robin; KNAFL, Kathleen. The integrative review: updated methodology. **J Adv Nurs**. v. 52, n. 5, p. 546–553, 2005. DOI: 10.1111/j.1365-2648.2005.03621.x

